

# EM DEFESA DA GESTÃO PÚBLICA DOS RESÍDUOS

## NÃO À PRIVATIZAÇÃO DA EGF

---

### DECLARAÇÃO

A gestão dos resíduos urbanos é estratégica e é um factor essencial para a preservação e conservação do meio-ambiente e do território, a saúde e a qualidade de vida das populações.

Por estas razões, defendemos que a prestação destes serviços deve assentar num modelo de gestão pública, garantindo o controlo democrático, nomeadamente das autarquias, e uma forte responsabilidade social e ambiental.

Em Portugal, organização do sector baseou-se nos últimos anos no estabelecimento de parcerias entre o Estado, via *Empresa Geral do Fomento (EGF)*, e um vasto conjunto de municípios, para o tratamento e valorização de resíduos, continuando as autarquias a assegurar a limpeza e recolha de resíduos, em regra, através da prestação directa.

Fruto dessa realidade e do enorme investimento público, nacional e comunitário efectuado nas últimas décadas, superior a 2 mil milhões de euros, o País registou enormes avanços, alcançando a recolha de resíduos uma cobertura de 100% da população portuguesa. No campo das taxas de reciclagem, tratamento e valorização de resíduos, os avanços foram igualmente notórios.

Interrompendo este percurso, o governo decidiu privatizar a *EGF*, medida que rejeitamos e consideramos altamente lesiva dos interesses do país, dos municípios, das populações e trabalhadores.

A *EGF* é um grupo rentável, com lucros acumulados nos últimos 3 anos na ordem dos 62 milhões de euros, movimentando anualmente perto de 170 milhões de euros.

A *EGF* domina 65% do total nacional de resíduos urbanos, por via das 11 empresas de recolha, tratamento e valorização de resíduos, criadas em conjunto com os municípios – 174 no total, que servem 63% da população e empregam perto de 2000 trabalhadores.

O grupo possui um património avaliado em cerca de 1000 milhões de euros, tecnologia avançada, trabalhadores qualificados.

O governo espera arrecadar com a venda da *EGF* 150 milhões de euros (a que acrescem 200 milhões da dívida). Um montante irrisório e que será facilmente recuperado pelo privado. O Estado perde para sempre uma fonte de receita, agravando o desequilíbrio das contas públicas.

Nada justifica a privatização, cujas consequências seriam desastrosas:

**Para o País e a economia nacional**, que perderia o controlo de um sector estratégico.

**Para os municípios**, cujo papel ficaria significativamente reduzido, além das pressões que adviriam no sentido da liquidação dos sistemas intermunicipais.

**Para a coesão nacional e a gestão de conjunto do sector**, pois a gestão privada tenderia a privilegiar os sistemas mais lucrativos e a desinvestir nos menos rentáveis.

**Para o ambiente**, abrindo caminho a um recuo dos níveis de qualidade alcançados.

**Para a actividade económica regional e local**, pois a fatia dos negócios relacionados com a construção, manutenção e gestão dos sistemas acabaria por ser dominada pelas empresas subsidiárias dos grandes grupos de onde extraem uma grande parte dos lucros auferidos.

**Para as populações**, obrigadas que seriam a pagar cada vez mais por piores serviços.

**Para os trabalhadores**, com o inevitável aumento da pressão para reduzir os custos do trabalho, agravando a exploração e os problemas laborais que já hoje existem no sector, em especial nas empresas privadas, mas também no universo *EGF*.

**Com vista a travar este negócio ruinoso declaramos que somos pela defesa da gestão pública dos resíduos; pela defesa dos serviços municipais, dos postos de trabalho, dos salários, dos direitos e da melhoria das condições de vida e de trabalho e apelamos ao protesto marcado para o próximo dia 23 de Outubro.**

Lisboa, 15 Outubro de 2014